

O sonho da casa própria resignificando a identidade feminina durante o processo construtivo de moradias por mutirão na cidade de São Paulo: o Jardim Apuanã e a Associação de Mutirantes União dos Nove do parque Europa I (1983- 2005).

Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP E Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.

Esta pesquisa questiona e compara as trajetórias de luta, os processos de resignificação de novos saberes e conhecimentos e de relações pessoais, transformações e permanências da identidade feminina, por meio da experiência cotidiana em dois projetos de provisão de moradias, implantados através do processo construtivo de mutirão. São eles: Jardim Apuanã, na região norte, desde 1983 e Associação de Mutirantes União dos Nove do Parque Europa I, na região sul, desde 1999; ambos na Cidade de São Paulo.

Essa temática se identifica com as novas perspectivas de análises históricas, pois através da reconstrução das trajetórias de personagens excluídos da história tradicional, realiza-se a interlocução com o campo transdisciplinar, além de questionar a história tradicional com suas abordagens generalizantes centradas nos estudos das universalidades e não na ação dos sujeitos históricos.

Um novo modo de “reconstruir o passado” foi alcançado a partir da história amparada por vários ramos das ciências, tais como a demografia, sociologia, etnologia, geografia, medicina social, literatura, artes, teologia, entre outras. Esses avanços metodológicos e essa interdisciplinaridade, portanto, possibilitaram que essa nova forma de estudar a história social despontasse enquanto especialidade, abordando problemas específicos quanto ao comportamento e relações entre diversos grupos sociais, como as mulheres mutirantes do Parque Europa I e do Jardim Apuanã.

Os historiadores voltaram-se para a intimidade do lar, e suas especificidades deram maior atenção para o comportamento das camadas populares, dos

desclassificados, despossuídos, mulheres, homossexuais, crianças, enfim, dos excluídos da história tradicional.

Segundo Walter Benjamin,

*A história é uma construção de acontecimentos, de momentos vividos e esses acontecimentos necessitam de reconhecimento para tornarem-se história.*¹³

Dessa forma, as experiências das mulheres mutirantes das duas associações não são as origens de explicações do que se pretende estudar, mas sim o que se pretende explicar.

Os estudos sobre a experiência e sobre o cotidiano encontram-se localizados dentro das transformações da história, pois, segundo Maffesoli, é no cotidiano que se pode assegurar a permanência do social, o conflito entre o individual e o social, o público e o privado, o lugar de combate onde se quebram os preconceitos e inaugura-se um novo tempo, em que os sujeitos excluídos da história tradicional e positivista adquirem vozes.²⁴ A história encontra nessas vozes e no espaço das relações cotidianas os meios para a sua redefinição.

Nesse sentido, os trabalhos de Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Walter Benjamin e os estudos de E.P.Thompson e Stuart Hall contribuíram para ampliar os estudos do cotidiano, das experiências e identidades, da reconstrução de trajetórias de personagens excluídos da história tradicional, bem como das suas falas, gestos, sentimentos e gostos. Contribuíram, ainda, para ampliar o conhecimento acerca da organização desses indivíduos em movimentos sociais, como na “cultura de resistência” em que a luta pela sobrevivência toma feições de atitudes políticas, trazendo a possibilidade de desconstruir identidades individuais.

Segundo Maria Izilda Santos Matos, “essas perspectivas de análise abriram possibilidades de ampliação e investigação das ‘histórias de gente sem história’, com a preocupação de recuperar diferentes verdades, olhares e promover a descentralização dos sujeitos históricos, trazendo à tona a temática dos movimentos sociais e personagens como as mulheres dos mutirões, moradoras das periferias, abandonadas pela própria

¹³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

²⁴ MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

sorte, pessoas cujas identidades foram ignoradas ou somente mencionadas de passagem pela história política ‘evenementielle’, centrada nas relações causais e nos estudos das elites”.

Ao se abordar as ações desses “sujeitos sem história”, em específico as ações das mulheres nos movimentos sociais de luta por moradia, suas inúmeras invasões, ocupações de casas e de prédios abandonados, suas diferentes propostas e o processo construtivo por mutirão, a problemática sobre a produção historiográfica sobre as mulheres realizada até então veio à tona. Assim, trouxe outras questões relevantes, como por exemplo, as diversas formas com que se tem privilegiado a participação feminina na política, nos movimentos sociais, na organização familiar, no trabalho, na sexualidade, na cultura e na luta pelos Direitos Humanos, e como ainda pouco se tem investigado as mulheres da periferia, da “cidade oculta”, analfabetas, em condição de desprivilegiamento com relação à saúde, à alimentação e à moradia.

Essas mulheres encontram possibilidades de serem questionadas nos estudos sobre gênero, cotidiano, experiências e identidade. Os estudos sobre gênero procuram destacar sua categoria relacional e abordam um campo historiográfico que pretende evidenciar essa dimensão relacional, dialogando com outras categorias como o discurso, as mentalidades, a antropologia, a sociologia e a psicanálise. Dessa forma, mostra-se que as construções das identidades femininas e masculinas são referências culturais, sociais, econômicas e políticas, produzidas por símbolos, representações e relações de poder construídas no tempo e no espaço, e não por oposições binárias de homem e mulher, fixas e generalizantes.

Nesse sentido, Michel Foucault, Joan Scott e Jacques Derrida³⁵ auxiliam a compreensão do conceito de gênero, negando as universalidades da dicotomia homem/mulher. Esses teóricos contestam a linearidade e não aprisionam o conhecimento em uma imobilidade científica, proporcionando a liberdade da interpretação ativa e uma ação autoconsciente de nossa historicidade.

Ao adotarem o enfoque de gênero, esses estudiosos questionam e desafiam aportes teóricos clássicos e procuram desvendar o universo feminino, recuperando categorias de análises que privilegiam a dimensão subjetiva.

³⁵ DERRIDA, J. A. Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Organizado por PRADO, E., p.32.

No movimento social de luta por moradia pelo processo construtivo dos mutirões, encontramos por meio da prática cotidiana o questionamento e a resignificação do “lugar” e da identidade feminina, assim como o realocamento de posição no mundo privado e público, segundo as práticas políticas a que estão inseridas. Ou seja, o masculino e o feminino são resignificados, bem como são reelaboradas as identidades, que por sua vez encontram-se relacionadas aos nódulos de saber-poder e aos poderes sociais e políticos.

Esses saberes não universais, construídos no dia-a-dia das mutirantes, estão vinculados a relações particulares que estabelecem entre as práticas cotidianas das construções das moradias, a diálogos com as instituições governamentais ou não e ao subjetivismo encontrado nas entrelinhas da história. Esse subjetivismo representa a instrumentalização das práticas.

A história, por sua vez, é uma construção de experiências sociais repleta de “agoras”, permanências e transformações, que são observadas pelo historiador por intermédio das inúmeras tensões existentes dentro de um determinado contexto.

E dentro desse contexto o sonho aparece como uma possibilidade por meio dos diferentes significados da palavra “Luta”. Lutar e sonhar para essas mulheres, não significa apenas alcançar o direito à moradia digna, significa denunciar a situação de pobreza e de degradação das condições simbólicas e materiais, cristalizadas na miséria que se encontram, significa conquistar o respeito aos Direitos Humanos e constitucionais, a saúde e ao direito à vida. Está relacionado a uma espécie de narrativa, onde os agentes sociais mostram o valor da pessoa que vive na prática cotidiana essa experiência e sobre as causas dessa situação particular, por meio de seus valores éticos, resistências, estratégias, união, organização, sofrimento e solidariedade; numa conquista constante e cotidiana do sonho de desconstruir a segregação social e espacial a que estão sujeitos.

O termo, também destaca os códigos de convivência de quem sofre e tem o sofrimento como dimensão de vida. Ao falar de suas lutas, essas mulheres revêem o universo de representação moral e religiosa, em que as noções de sofrimento estão associadas à figura de Deus, para a associar sem descartar a fé e a esperança, a necessidade de lutar pela justiça social e moral, onde os limites da diferença entre os incluídos e os excluídos se sobressai.

“*Entrar na luta e estar na luta*” são atributos fundamentais para participar do movimento e refere-se à vida e atividades cotidianas, as quais se encontram múltiplos episódios que envolvem organização, solidariedade, união e coletivismo⁴.

Assim, o termo luta além de destacar o sofrimento das pessoas, qualifica a experiência cotidiana.

A maioria dos integrantes dos mutirões se constituem em trabalhadores migrantes, com instrução até a quarta série do ensino fundamental empobrecidos no campo, moradores de cortiços ou favelas, em busca de trabalho na construção civil e pequenos serviços nos grandes centros urbanos, que com dificuldades crescentes em adquirir emprego, pagar aluguel e manter suas famílias, constroem em seus discursos, por meio dos termos luta e sonho, como tudo aquilo que se é obrigado a enfrentar no cotidiano para viver dignamente, apontando sempre para a dimensão do sofrimento, das dificuldades, do sonho e da esperança de conquistar uma vida melhor.

A luta é muito grande(...), eu tenho que lutar pra continuar lutando(...), vim do campo pra cidade com meus pais e irmãos sonhando com uma vida melhor. Agente não tem mesmo jeito senão sonhar e lutar pra viver(...).

Agente tem que lutar pra viver aqui mesmo e botar pra frente o sonho de melhorar(..)de ter nossa casa, estudar e arruma trabalho,(...) lutando(...)lutando(...)

Aqui é aquela luta(...) com esperança de sair da fome, do desemprego (...) Nós somos Sem Teto e Sem Teto não tem segurança(...) não sabe como vai ser pra criar os filho(...) morando na favela, agente tem que lutar pra não deixar nada de acontecer pra família. E como vai ser na velhice(...). Mas, sabe(...) ainda é melhor que no campo, explorado pelo fazendeiro.

Eu sonho que um dia com toda essa luta na associação, no movimento que agente pode ficar melhor(...), que agente não vai ficar do mesmo jeito (...), que a moradia é possível(...) o estudo e o trabalho para as crianças também. Com luta e sonho tudo é

⁴ COMERFORD, John Cunha. Fazendo a luta: Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

possível, é claro(...) tudo é com muito sofrimento(...) mas possível (...) ⁵

Ao afirmar que se está lutando e que a luta é possível, essas mulheres descreveram seu cotidiano, refletem sobre seu sofrimento e importância de participar do movimento. Em seus discursos utilizam o termo como denúncia sobre as ações que provocam a segregação social e espacial, a condição de migrantes na cidade, além de identificar a respeitabilidade, o valor e a dignidade de sua luta pela vida.

Contudo vale ressaltar que nas entrevistas com as lideranças do movimento, apesar de pertencerem à mesma origem, migrantes, em decorrência da prática cotidiana, os termos, luta e sonho no lugar de enfatizar os valores morais e a luta pela vida, apresenta uma preocupação muito maior com o conflito, o embate, o confronto entre as diferenças, com a manutenção da organização, com o caráter de união e solidariedade, pois se configuram como caminhos que podem levar à vitória, conquista dos sonhos, apesar de ter em comum o sofrimento.

Agente no começo, era só nós não era organizados(...) sofríamos muito e brigamos muito também, não tinha união. Encontramos as comunidades de base da Igreja, que dava apoio para as nossas mobilizações, o padre dava espaço pra nós realizar as nossas reuniões(...). Aos poucos com muita luta, entramos na luta (...) do movimento, pra brigar em conjunto, todo mundo junto, pelo que é nosso de direito, pelo nosso sonho. Aí fomos pra essa luta, até que nós conseguimos nos organizar em associação no movimento de luta por moradia e percebemos que agente unido pode alcançara nossa luta(...) ⁶.

Outro aspecto que também aparece nos discursos em geral refere-se às diferentes formas de reivindicações, organizações e o modelo de exemplaridade do movimento e das lideranças.

As lideranças são denominadas como “defensoras da classe trabalhadora”, que é vista pelos Sem Teto como um grupo social que sofre e que por mais que lute necessita

⁵ Fragmento de depoimento da moradora do Bairro Jardim São Luiz, Genicéia Abreu.

⁶ Depoimento realizado pela liderança do MSTC, Ednalva Silva Franco.

de alguém que tenha as características de “ser da luta”, que luta pela sua defesa e dos outros conjuntamente.

A figura da liderança é construída durante o processo de organização dos grupos de base, é alguém que luta e sonha para defender o grupo, pois, sabe produzir atos políticos, manifestações e torna-las visíveis, públicas aos olhos da comunidade.

A luta dos trabalhadores é muito forte e agente não pode fazer sozinha, precisamos do movimento(...) lá tem pessoas que lutam pela nossa organização e pela organização das associações. As associações pela luta do grupo, onde eles não deixa a peteca cair, entende(...)

A liderança pode ser qualquer um, é aquela pessoa que onde as brigas pessoais aparecem ela faz desaparecer e faz também tudo ficar unido, prá dar força prá pessoas que, ainda não se organizou. Ela dá a cara pra bater. É uma coisa muito importante, o que elas consegue, já nasce com ela e ela mantém todas as lutas juntas numa só, na luta da moradia A luta é pela justiça, pelo reconhecimento que nós somos gente. As lideranças quando fala pra ir pro pau é quando é necessário(...), ela não expõe agente (...) ela explica pra gente que as reuniões são importantes, que agente tem que participar de tudo que a associação organiza pra melhor o nosso entendimento das coisas. A nossa luta é um exemplo de organização e de cidadania (...) prá todo mundo vê e sabe que nós lutamos pelo nosso direito social e de todos os trabalhadores ⁷.

Para os integrantes do movimento que se tornaram lideranças, por sua vez “estar na luta” e “entrar na luta” envolve participação nas reuniões, manifestações, cursos, celebrações. Envolve resignificar valores, conhecimentos, saberes, identidades e novas formas de sociabilidade, saber provar, nos termos do universo do movimento que “se é de luta” e que possui atributos para conscientizar o grupo para a organização e manutenção do movimento⁸.

Nos discursos das lideranças, quando narram suas experiências pessoais e da comunidade, percebe-se claramente as representações em que se destacam as noções

⁷ Depoimento realizado com uma das integrantes do Movimento dos Sem Teto do Centro, Francinete de Araújo de Souza.

⁸ COMERFORD, John Cunha. Fazendo a luta: Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

de justiça, direitos, coragem, união, poder e interesse, as denúncias primeiramente da carência e falta de recursos de bem estar social dessa parcela da população e seu sofrimento, a afirmação da existência de uma luta individual e coletiva, o posicionamento quanto as diferenças de grupos sociais, os limites de cada comunidade e de cada grupo, a necessidade de organização e transformação da sociedade por meio da conquista da moradia, a vergonha por possuírem status de pessoas desajustadas e desqualificadas muitos outros grupos sociais, além das inúmeras provas a que são submetidas no dia-a-dia do movimento⁹.

Esse conjunto de representações desenvolve um arcabouço intelectual significativo que permite a construção das ações e resignificação dos saberes e conhecimentos, mas também evidenciam as permanências de comportamentos em qualquer contexto, pessoas e lideranças¹⁰.

Essas transformações e continuidades evocam a classificação dos termos luta e sonho com tantas atividades diferentes.

Assim, ao questionarmos e compararmos as trajetórias de luta, os processos de resignificação de novos saberes e conhecimentos, as relações pessoais e as transformações e permanências da identidade feminina - por meio da experiência cotidiana nesses dois projetos construtivos de mutirão - nos aproximamos do conhecimento, das diferentes vozes que compõe a história e das inúmeras possibilidades de se pesquisar a história.

⁹ Ibidem

¹⁰ Ibidem.